

----- Original Message -----

From: Claudio Abreu - GBL

To: Dilma.com.br

Sent: Thursday, December 09, 2010 6:09 PM

Subject: Sugestões para reduzir os juros e a apreciação e volatilidade do câmbio - com arquivos

Prezados Senhores do site www.dilma.com.br,

Primeiro gostaria de me apresentar: nasci em 08/11/1949, em Cachoeiro de Itapemirim/ES, tenho três filhas e sou mestre em administração, engenheiro da BNDES Participações S.A (BNDESPAR) desde março de 1975, e diretor da Associação dos Funcionários da BNDESPAR (AFBNDESPAR) desde 1992. E segundo informar que o texto a seguir contém diversos [links](#), assinalados [em letras azuis sublinhadas](#), para acesso dos arquivos correspondentes na minha home page, que asseguro não são vírus ou cavalos de tróia, assim como são seguros os arquivos que envio em anexo.

É com satisfação envio para avaliação dos Senhores o meu artigo [Uma nova e derradeira indexação negociada](#). Seu subtítulo diz bem do que se trata: são **Propostas para redução dos riscos financeiro e cambial – visando diminuir a taxa real de juro e estabilizar o câmbio – e para desindexar a economia brasileira e sustentar o seu crescimento**. Ele foi publicado em 02/12/2010, no Vínculo, jornal semanal da Associação dos Funcionários do BNDES (AFBNDES). Segue em anexo o artigo, que também pode ser visto no endereço <http://www.claudioabreu.com.br/10.pdf>

Para demonstrar a minha credibilidade e, assim, despertar o interesse dos senhores pelas minhas propostas, transcrevo o primeiro parágrafo do meu artigo:

"Em 31/08/1993 concluí o meu trabalho "A indexação diária negociada", que acredito (por ter fortes evidências disso) ter servido de base para a elaboração do Plano Real, em especial quanto às suas duas maiores inovações: a) reduzir a inflação inercial usando-se um indexador diário, a URV, que depois se transformaria na moeda forte, o R\$; e b) fazer um plano de estabilização de forma anunciada, sem surpresas, congelamentos e quebra de contratos. Em 30/06/2004, concluí outro trabalho "Definindo o juro e o câmbio em base real e diária no Brasil", propondo como reduzir os riscos financeiro e cambial. Tal como no início do Plano Real, os juros elevados e o câmbio apreciado vêm sendo usados para conter inócua e onerosamente nossa inflação, que permanece inercial devido à indexação anual remanescente. Neste artigo faço uma proposta para equacionar tudo isso."

Mais uma vez procurando despertar o interesse dos senhores pela minhas propostas, transcrevo o seu segundo parágrafo:

"A síntese da minha segunda proposta é: a) diminuir o risco nas operações financeiras para reduzir os juros reais e permitir o aumento do volume do crédito e o alongamento dos seus prazos, condições indispensáveis para um maior crescimento do PIB; e b) reduzir o risco cambial – com menor oscilação das cotações e dentro de um patamar mais desvalorizado – para tornar mais seguros os investimentos relacionados ao mercado externo (com importação de insumos e exportação de produtos), bem como estimular a captação de investimentos diretos e créditos externos para complementar a poupança interna, possibilitando, também, um maior crescimento do PIB."

Para saber como proponho fazer tudo isso basta ler as duas páginas do meu artigo [Uma nova e derradeira indexação negociada](#).

Ressalto que estive pensando melhor e sugiro ser analisada uma pequena alteração cronograma de implantação das medidas propostas. A implantação da nova política cambial poderia começar antes de ser atingido totalmente o patamar de equilíbrio do Real, desde que, ao ser criada a URC, fosse anunciado ao mercado qual seria o valor real do cambio de equilíbrio a ser atingido em 12 meses, mediante incrementos graduais correspondentes na URC. Quanto ao início da fase de indexação mensal de preços e salários, ela deveria começar na mesma data em que fosse criada a URC, de forma que eventuais aumentos de preços decorrentes da necessária desvalorização do Real fossem incorporados aos salários, evitando a sua perda real. Vale dizer que quando ocorreu a máxidesvalorização do R\$ em janeiro de 1999, os preços não tiveram a alta que era esperada, visto que as referências de valor no Brasil, após quatro anos de inflação baixa conseguidas com o Plano Real, passaram a ser feitas em R\$ e não mais em US\$, como eram no período inflacionário anterior ao plano. Dessa forma, acredito que a desvalorização necessária do R\$ até atingir o patamar adequado de equilíbrio não iria causar elevação excessiva de preços, contribuindo para isso a nossa economia ser ainda bem fechada, com pouco peso das exportações e importações no PIB.

Saibam que muito me alegrou, e me deu grandes esperanças, a entrevista dada pelo ministro da Fazenda Guido Mantega publicada na revista Carta Capital nº624, de 01/12/2010, com o título "Austeridade sem vassalagem" (1) da qual transcrevo o seguinte trecho:

Carta Capita: O que representa o comando do BC nas mãos de Alexandre Tombini?

Guido Mantega: O Tombini é um profissional de carreira com formação sólida. Ele esteve cinco anos no FMI, tem demonstrado competência no relacionamento com a Fazenda, que é mais intenso do que se imagina. O Tombini tem sido muito eficiente

nessa relação. Ele tem a vantagem de ser um funcionário de carreira, portanto não vem do mercado financeiro, não traz vícios e não deve vassalagem ao sistema financeiro. Se algum dia ele tiver de contrariar algum interesse, terá capacidade de fazê-lo. O problema são aqueles que vão e vem, o cara está lá de passagem e quer agradar.”

No dia 16/09/2010 foi publicado no Vínculo meu artigo "[Para a bem de uns e para a infelicidade geral da nação](http://www.claudioabreu.com.br/11.pdf)", que também segue em anexo e pode ser encontrado no endereço <http://www.claudioabreu.com.br/11.pdf>), de subtítulo "**Até quando os juros permanecerão extorsivos em nosso país?**". O interessante é que o conteúdo do seu último parágrafo guarda muita semelhança com o que foi dito pelo ministro Mantega, como se pode ver na sua transcrição abaixo:

“Existe outro círculo vicioso ou jogo de espelhos que influi bastante na determinação da taxa Selic: geralmente apenas profissionais do mercado financeiro têm ocupado cargos de direção no Banco Central, e vice-versa, os diretores do BC acabam sendo diretores daquele mercado. Isso vem se dando há décadas, independentemente da orientação dos nossos sucessivos governos. Assim, o BC tem sido dirigido por pessoas cuja visão converge para o que defendem os bancos e seus aplicadores. O resultado é que quem discorda desse posicionamento econômico equivocado jamais assumirá cargos de direção no BC. E, assim, para o bem de uns poucos e para a infelicidade geral da nação, os juros permanecerão altos no Brasil para todo o sempre. Amém.”

Vale a pena ler também esse segundo artigo, no qual comento as distorções do mercado financeiro brasileiro, procurando defender o BNDES da questionável e orquestrada campanha negativa que ele sofreu na mídia recentemente por conceder empréstimos a taxas de juros decentes, esquecendo-se que não são os juros do BNDES que são baixos e sim os do mercado financeiro, começando pelos da Selic, e que são extorsivos, o que gera a maior das irresponsabilidades fiscais nesse país. E torço para que, conforme indica o ministro Mantega, o domínio da visão do mercado financeiro sobre os rumos do Banco Central tenha chegado ao fim para que possamos, finalmente, iniciar uma tendência de redução das nossas escorchantes taxas de juros.

No mais, é torcer para que vocês gostem das minhas propostas constantes do primeiro artigo, e que o repassem para análise da presidente eleita Dilma Rousseff, para o ministro da Fazenda Guido Mantega, para o futuro presidente do Banco Central Alexandre Tombini, e para outros os membros da quipe econômica que julgarem recomendável.

Informo que esse é o primeiro email de divulgação da minha proposta, que pretendo fazer nos mesmos moldes que divulguei "A Indexação Diária Negociada" de setembro a dezembro de 1993, quando enviei, com apoio da AFBNDESPAR, umas duzentas cópias do meu trabalho para diversas pessoas importantes desse país, dentro de uma postura suprapartidária e supraclassista, como pode ser visto em <http://www.claudioabreu.com.br/03.pdf>, pelo que recebi cerca de 35 correspondências de agradecimento de pessoas importantíssimas, a saber, dois presidentes da República, ministro da Fazenda e membros da sua equipe econômica, senadores e deputados federais dos mais representativos, quatro presidentes de partidos políticos, dois governadores, e presidentes de confederação do comércio e de associações comerciais, da federação dos bancos, de uma central sindical, de federações de indústrias, de professores de faculdade de economia, que podem ser vistas no endereço <http://www.claudioabreu.com.br/04.pdf>.

Esperando que mais uma vez tenha dado uma contribuição importante para nosso país, e colocando-me a inteiro dispor dos Senhores para qualquer informação ou apoio adicional, subscrevo-me,

Cordialmente,

Claudio Braga de Abreu e Silva

Telefones:

21-9322 3055 - celular

21-2256 7575 - residência

21- 22622751 - AFBNDESPAR

=====

(1) Sinceramente não sabia o que era "vassalagem"; e daí pesquisei no Google, encontrando essa definição na Wikipédia:

Vassalagem é um sistema social e econômico que foi usado principalmente na Idade Média onde um indivíduo, denominado vassalo, oferece ao senhor ou suserano, fidelidade e trabalho em troca de proteção e um lugar no sistema de produção. As redes de vassalagem estendiam-se por várias regiões, sendo o rei o suserano mais poderoso.

O absolutismo é um regime político que restringe a liberdade dos vassalos. Reino é o conjunto de vassalos e servos de um rei.